

5

Conclusão

Estudar sobre as origens de nossa constituição como uma unidade psique-soma nos conduziu a um campo onde as questões são freqüentemente mais comuns do que as respostas. Como se pode depreender esta proposta instigante detém em si inúmeras reflexões não só para a psicanálise como para qualquer campo da ciência que se interesse por um conhecimento mínimo das condições para o bem-estar do homem no mundo. Tentar compreender o que leva determinados indivíduos a se manifestarem fundamentalmente pelas vias da doença orgânica é um desafio de grandes proporções, com o qual, não raro, nos deparamos na prática clínica.

Nesse sentido, sabemos que todos os desdobramentos relacionados à constituição psíquica dos primeiros tempos de vida tem que ser considerados primordialmente como elementos fundadores das nossas bases para um funcionamento saudável e equilibrado. Como é de nosso conhecimento, os bebês vivem imersos num manancial de sensações, que os conduzem rumo às percepções e a graus de abstração cada vez maiores. Portanto, as primeiras impressões que se fixam no psiquismo estão intimamente vinculadas aos primeiros contatos pele-a-pele que o bebê consegue estabelecer com o ambiente. Assim, temos que, primeiro o mundo é caracterizado pela bidimensionalidade do toque e só mais tarde com o progressivo amadurecimento de suas capacidades, o bebê passará à percepção de distâncias.

Dito isto, o interesse pela pele e suas alterações está intimamente relacionado aos primórdios de nossa condição psíquica e nos remete, via de regra, a uma fase em que o ambiente cuidador ainda não pode se diferenciar do próprio corpo do bebê. Por este motivo, procuramos enfatizar em todo o percurso do nosso trabalho a importância fundamental que a díade mãe-filho exerce para o estabelecimento de uma boa integração psicossomática.

Num primeiro momento, é a pele materna que protege o psiquismo do bebê de situações que possam ultrapassar as capacidades de elaboração do mesmo. Além disso, esta “pele-comum”, a que já nos referimos, é fonte de importantes comunicações e trocas com o meio que permitem ao bebê receber o

alimento não só físico, mas também psíquico, fundamental ao asseguramento de sua existência. Só assim, a criança poderá adquirir gradualmente um sentimento de confiança em suas habilidades para enfrentar o mundo sem a presença constante da mãe, ou de quem cuida. Então, desde o início, partilhamos da idéia de que a mãe (ou ambiente maternante) e o bebê trilham um caminho rumo à crescente separação e individuação, sendo este descolamento salutar e necessário ao desenvolvimento saudável de ambos.

No entanto, ficou bastante claro através das pesquisas de diversos autores como Spitz e Kreisler, entre outros, que os processos que permeiam a construção necessária para que se possa viver em corpos separados nem sempre são vivenciados de forma adequada. Em outras palavras, quando esta composição mãe-bebê não consegue dar lugar ao prosseguimento de existências separadas, criam-se as condições para o surgimento de um sofrimento que, muitas vezes, só tem como se manifestar através do adoecimento orgânico. Deste modo, pudemos constatar que, a presença de padrões interativos distorcidos, provoca falhas na estruturação psíquica do infans que fica sem ter como dar um continente para o excesso de excitações às quais é exposto.

Percebemos, então, que falhas na composição deste elo mãe-bebê podem ocasionar neste último, dificuldades no reconhecimento de seus próprios processos internos, de seu corpo, suas emoções e até seus pensamentos. Deste modo, as doenças de pele freqüentemente nos reenviam para uma etapa da vida em que os recursos psíquicos existentes não deram conta de um sofrimento inelaborável, muitas vezes relacionado às fases em que ainda não é possível delimitar fronteiras entre o Eu e o outro.

Encontramos, portanto, nestes primeiros momentos de vida as bases para um funcionamento fragmentado, em que freqüentemente predominam sentimentos difusos sobre os próprios limites. Quando a relação mãe-bebê é marcada pelo desencontro, não permitindo vivenciar as fases iniciais do desenvolvimento de forma harmônica e equilibrada, observamos na literatura especializada o relato de vários casos de afecções dermatológicas em que as crianças não conseguem sair da órbita simbiótica. Portanto, nas situações em que o ambiente não conseguiu prover uma maternagem “suficientemente boa”, sair da pele comum nem sempre se torna possível para a criança, em virtude das precárias condições a que foi submetida.

Também observamos em nossos estudos que nestas situações, qualquer situação de separação contém em si uma ameaça de proporções terríveis, uma espécie de ruir que compromete todo e qualquer desenvolvimento de um sentido de individualidade. Desta feita, parece que a procura pela pele da mãe, numa espécie de contato reconfortante e ao mesmo reconhecedor de sua própria existência será o ponto comum a que convergem a grande maioria destes casos.

A pele por se situar justamente entre o dentro e o fora, unindo e ao mesmo tempo separando meio interno e meio externo provoca questionamentos interessantes que nos conduzem a refletir sobre algumas das especificidades que podem estar inclusas neste campo. Em conformidade com isto, podemos dizer que a pele é uma “zona” de transição exercendo, assim, uma importância fundamental na constituição do corpo como fonte de prazer. Deste modo ela dá conta primeiro de um organismo biológico e, posteriormente de um organismo psicológico, em que as várias partes inicialmente desunidas vão formar um todo pertencente àquele corpo específico. A possibilidade de aceder a este corpo como vimos está intimamente vinculada à capacidade de uma vida autônoma, que se desenvolve a partir do progressivo aumento de suas potencialidades iniciais.

Consideramos que nas afecções de pele encontra-se uma impossibilidade de vivenciar este corpo como fonte de prazer, uma vez que, muito freqüentemente as primitivas trocas mãe-filho não permitiram o experienciar de contatos prazerosos, satisfatórios, quer pela ausência ou inadequação dos mesmos.

Então, podemos colocar a hipótese de que muitas vezes a doença dermatológica constitui uma das formas pelas quais estes indivíduos conseguem sentir-se donos de seus próprios corpos, de seus próprios limites. Além disso, as afecções situadas num órgão fronteiro como a pele constituem, a nosso ver, o modo pelo qual “o quadro volta a ter sua moldura”. Em outras palavras, se a um dado momento a mãe não foi capaz de oferecer sua própria pele para que seu filho conseguisse constituir um psiquismo saudável e integrado, então a pele do sofrimento poderá entrar em cena.

No fragmento de caso analisado anteriormente ficou evidente a presença de um corpo cuja existência se encontrava profundamente prejudicada por estas razões. A queimadura impossibilitada de se transformar metaforicamente em alguma experiência significativa, reproduz um contexto de sofrimento psíquico através da pele. A internalização de um “ambiente bom o bastante” não foi

alcançada no tempo devido, originando uma necessidade de se agarrar a este mesmo ambiente para garantir suas necessidades de sobrevivência, o que por outro lado, acabou custando o preço de sua individualidade. A escassez de recursos observada nesta situação clínica, não permite o sentimento de pertença em relação a este corpo, que permanece como um objeto “estranho” ou um “erro” como o próprio paciente o define. Pensamos, então, que a doença de pele sobre a qual se mantém preso este indivíduo sinaliza de modo contundente a impossibilidade de descolar da pele materna, possivelmente percebida como insatisfatória desde bem cedo na sua história.

Por último, torna-se importante mencionar que a pobreza psíquica, não raro, presente nas pessoas portadoras de afecções de pele recorrentes dificultam a constituição de uma subjetividade pela impossibilidade de experimentar a vida de forma criativa. Pensamos que, os espaços terapêuticos que se propõe a lidar com estas situações, têm muito a ganhar através da reconstrução deste viver criativo, que, assim, poderá proporcionar o aumento das potencialidades psíquicas essenciais à boa saúde somato-psíquica individual.